

4
ANO 2
NÚMERO 4
1996
JANEIRO/JUNHO
REVISTA
TEMÁTICA

ISSN 0104-7183

Horizontes Antropológicos

COMIDA

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

NÚMERO ORGANIZADO POR
Maria Eunice Maciel
Sérgio Alves Teixeira

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 2, n. 4, p. 1-160 jan./jun. 1996

mais o de "nagoização" via influência baiana, o caboclo é muitas vezes escondido do pesquisador, pois representa um sincretismo com a cultura ameríndia cada vez menos desejado. Segundo a autora, a reafricanização em alguns terreiros de São Luís não pode ser feita sem que se abale o prestígio do caboclo e se minimize sua influência.

Apesar disso, o caboclo se mostra vigoroso, no livro de Ferretti, em toda a sua ambigüidade. Ali desfilam caboclos de pena (indígenas), caboclos de pés no chão (de origem popular), caboclos fidalgos (de origem nobre), caboclos estrangeiros (turcos, europeus, paraguaios), etc.. Estes, mesmo que incultos, podem ser nobres; mesmo que brincalhões e farristas, exigem respeito à sua autoridade. Imortais e corajosos, eles não incorporam no médium para serem homenageados, mas sim para trabalhar. Ferretti, enfim, com sua descrição bastante detalhada e algo apaixonada dos caboclos do Tambor de Mina maranhense parece estar nos falando sobre a perda para a diversidade cultural afro-brasileira que ocorreria se o caboclo fosse expurgado daqueles terreiros em nome de uma suposta retomada da pureza religiosa.

O questionamento das bases deste processo de reafricanização é, por sinal, tematizado no sexto capítulo. Ali, a autora nos apresenta todo um quadro das diferentes estratégias que têm sido adotadas em diversas áreas da religião afro-brasileira para se buscar uma maior purificação dos sistemas religiosos em questão e as várias transformações que estes processos têm ali desencadeado.

Já no oitavo capítulo, Ferretti nos oferece um panorama atualizado e mais amplo (saindo de São Luís) da situação das religiões afro-brasileiras no Maranhão. Questionando as noções de terreiros de tradição "nagô derivado" e "nagô degenerado", atribuídos àqueles que se distanciam de algumas tradicionais casas de São Luís, a autora levanta a hipótese de que haveria, naquele estado, múltiplos modelos de terreiro com tradição desvinculada do modelo supostamente original.

Por fim, no último capítulo, Ferretti nos conta um pouco dos dilemas de um pesquisador de religiões afro-brasileiras. Fala-nos, entre outras coisas, sobre como o pesquisador pode se desviar de suas tarefas quando tenta participar mais efetivamente do cotidiano dos terreiros. Também alerta-nos para as conseqüências que a inserção do pesquisador no interior dos terreiros pode desencadear nos sistemas de valores e nas formas de interpretação da realidade ali existentes, pois, muitas vezes, deixa-se para trás uma paisagem modificada pela pesquisa. A tematização desta questão, no final do livro, sintetiza uma obstinação de Ferretti que permeia todo o texto: o profundo respeito da autora pela autonomia da cultura popular.

MENEZES, E. Diatáhy B. de & ARRUDA, João. *Canudos. As falas e os olhares*. Fortaleza: Ed. Universidade Federal do Ceará, 1995, 155 p.

Carlos Alberto Steil

Professor do Departamento de Antropologia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

Os discursos sobre Canudos reformulados por todos que partilhamos sua herança. Durante longos anos a versão dos vencedores se impôs na literatura e nos anais oficiais da República. A memória dos vencidos se encontrava impossibilitada de construir uma representação daquilo que foi o mais inumano episódio de nossa história.

Nestes últimos anos, no entanto, historiadores e cientistas sociais têm voltado ao cenário do acontecimento para recolher as lembranças dos sobreviventes e responder às perguntas de um público que resiste em tomar a versão dos vencedores como a "verdade dos fatos". Este empreendimento, por sua vez, participa de um movimento mais amplo que busca reconstituir a consciência histórica da nação, dando voz aos vencidos.

O trabalho de recuperação da memória de Canudos não se realiza apenas pela rememoração daquilo que passou para o campo do esquecimento, mas está exigindo que se recupere o processo em que estiveram em jogo a censura, a obliteração, o recalque, a negação, a mentira como parte de sua história.

A guerra de Canudos apresenta a economia de uma tragédia clássica. Desdobra-se por trinta longos anos de heróica resistência às forças republicanas, terminando na destruição completa de Belo Monte e no extermínio dos seguidores de Antônio Conselheiro (Antônio Vicente Mendes Maciel).

O livro "*Canudos. As falas e os olhares*", organizado por E. Diatáhy B. de Menezes e João Arruda, é uma contribuição importante nesse esforço de recuperação da memória dos vencidos da Guerra de Canudos. Registram-se aí, os debates promovidos em 1993, na Universidade do Ceará, em comemoração do Primeiro Centenário de Fundação de Canudos. Seguindo a estrutura do evento, as duas primeiras partes do livro trazem os textos que os expositores apresentaram nas mesas-redondas. A última parte, na forma de Apêndice, compõe-se de três documentos escritos na época de Canudos.

A primeira parte - *Canudos na Literatura* - reproduz as falas de Walnice Nogueira Galvão, que faz uma consistente análise literária de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. De Ângela Gutiérrez, que discute a obra e o autor de *Guerra do Fim do Mundo*, destacando o impacto que *Os Sertões* tiveram sobre Vargas Llosa. Por fim, Diatáhy B. de Menezes fala da dificuldade que historiadores e ensaístas enfrentam para construir um discurso fora do paradigma e da linguagem consagradas por Euclides da Cunha na sua obra-prima. Como um contraponto a esta influência, Diatáhy relaciona alguns textos de Machado de Assis, mostrando sua posição singular, expressa em suas crônicas em "A Semana", onde este outro gênio da literatura brasileira, se mostra reticente à unanimidade nacional da época contra Canudos.

A segunda parte do livro - *Canudos em várias leituras* - apresenta os olhares de um psicanalista (Valton de Miranda Leitão) de um educador (José Paulino da Silva), de uma antropóloga (Luitgarde Cavalcanti Barros), de um historiador (José Calasans) e de um sociólogo (João Arruda) sobre este evento. A diversidade dos enfoques aí apresentada nos incita a prestar atenção ao que Mikhail Bakhtin chama de "plurivocalidade" dos textos e das vozes individuais que neles ressoam. Estes ensaístas colocam o mesmo acontecimento sob óticas diferentes, de acordo com os ensinamentos que buscam tirar dele. De um modo geral, poderíamos dizer que o conteúdo destes textos responde à questões colocadas pelo presente, revelando-nos pouco do evento em si.

Os documentos em apêndice são duas cartas publicadas no *Jornal de Notícias*, de Salvador, do Barão de Geremoabo, interpretando os interesses políticos subjacentes à Campanha contra Canudos. Um relatório escrito pelo Frei João Evangelista de Monte Marciano, missionário capuchinho, dando ciência ao Arcebispo da Bahia de sua investigação sobre a comunidade de Belo Monte. Enfim, o livro apresenta parte do "Diário Inédito de um Frade", onde transparece, em meio aos relatos ingênuos e cotidianos, o testemunho de atrocidades cometidas com requintes de crueldade pelas forças republicanas contra os conselheiristas. Os estudiosos de Canudos encontram nestes documentos fontes importantes para a reconstituição de sua história.

O tema de Canudos nos permite falar do terreno social em que as crenças messiânicas engendraram a mais importante ação de resistência aos poderes que se constituíram na República. Poderes estes que foram impostos em nome de uma racionalidade moderna adveniente, que não podia conviver com a cultura popular forjada ao longo de quatro séculos por pequenos camponeses pobres do Nordeste mais árido. Neste contexto, onde a Igreja e o Estado estavam quase que ausentes, Antônio Conselheiro, e outros beatos que perambularam pelo sertão, deram a estas populações um projeto que alimenta sua esperança e lhes dá uma razão para viver. E, todos aqueles que fizeram pesquisa no sertão nordestino sabem que o Conselheiro continua presente na memória deste povo como um herói popular central no conjunto dos mitos sociais e religiosos que compõem o seu imaginário.

HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Braga: Editora Ulisseia, 1996, 355 P.

Luis Ricardo Centurião

Professor do Departamento de Antropologia
Universidade Federal do Rio Grande Sul - Brasil

Aborda Huizinga, nesta obra dividida em 23 capítulos, o panorama histórico geral dos séculos XIV e XV, encarados como período de termo, de fecho da Idade Média. Afirma o autor, no prefácio à primeira edição, que o significado dos atores desta fase histórica *podia ser mais bem apreciado se fossem considerados não como precursores de uma cultura vindoura, mas como agentes de aperfeiçoamento e conclusão de uma cultura antiga*. Isto já indica, por parte de Huizinga, uma posição valorativa própria em relação ao corte temporal assinalado.

Discorrendo sobre o cotidiano do homem medieval daquele período, e assumindo uma posição própria da psicologia evolutiva, que traz implícita a noção da racionalidade própria da modernidade como um processo a ser construído progressivamente, e que se encontra apenas nos seus estágios iniciais naqueles dois séculos que assinalam o término da Idade Média, retrata Huizinga um quadro de contrastes, já perdido nos tempos contemporâneos. Contrastes vividos em todas as esferas da vida, entre sofrimento e alegria, entre adversidade e felicidade, num mundo em que *todas as experiências tinham ainda para os homens o caráter direto e absoluto do prazer e da dor na vida infantil*.

É num contexto que poderia ser denominado de falta básica que se elaboram os principais aspectos culturais que marcam os fins da Idade Média. Assim, a pululante vida religiosa, em suas múltiplas manifestações, no espetáculo das ruas proporcionado pelas procissões, com seu caráter muitas vezes orgiástico de auto-degradação, a *piadosa agitação* daqueles tempos, assim como a exibição de crueldade coletiva demonstrada nas atrozes execuções públicas, enfatizam uma estética da morte que se integra, e responde às necessidades criadas pelo quadro geral de desolação e miséria moral no qual vive o homem daquele período.

Para Huizinga, a intensa e imatura emotividade dos séculos XIV e XV, geram um quadro que não pode ser entendido a partir dos pressupostos da racionalidade moderna dos tempos contemporâneos. Assim, como exemplo, *o costume seiscentista de os príncipes pedirem conselho sobre assuntos políticos aos pregadores em êxtase e aos grandes visionários mantinha uma espécie de tensão religiosa nos negócios de Estado que em certos momentos podiam concretizar-se em decisões de caráter inesperado*.

O contexto de ferozes e trágicos conflitos que assola os fins da Idade Média, abre, por sua vez, a possibilidade de uma leitura da história moldada no estilo narrativo romântico. Estaria talvez aí a gênese da corrente historiográfica baseada no relato de batalhas e vidas heróicas. Naqueles tempos, a dramaticidade e o heroísmo são tenebrosamente comandados pela imagem familiar na época, da roda da fortuna.

Desprezo pelo mundo, renúncia e uma confissão declarada de pessimismo, caracterizam, conforme Huizinga, a literatura da época. Para ele, *na Idade Média a fé cristã tinha implantado tão profundamente nos espíritos o ideal da renúncia como base de toda a perfeição social e pessoal que pouco lugar deixara para se tomar o caminho com destino ao progresso político e material*.

Nada mais estranho àquela época que a idéia de um propósito de reforma contínua e do aperfeiçoamento da sociedade. Para Huizinga, mesmo o Renascimento não traz consigo a idéia de progresso. Isto bloqueia qualquer possibilidade de uma caminhada resolvida em direção ao otimismo social. Ora, se não há otimismo, há pessimismo, e este aparece de forma mascarada algumas vezes, mais explícita em outras, na valorização de um passado mítico tido como ideal. Este fato